

A Trindade na Perspectiva da História da Salvação

The Trinity in the perspective of salvation history

La Trinidad en la perspectiva de la historia de la salvación

Clézio Ubiratã da Rosa

RESUMO

Em preparação

Palavras-chave:

ABSTRACT

In preparation.

Keywords:

RESUMEN

Em preparación.

Palabras clave:

Dentro da língua portuguesa é difícil falarmos em Trindade e compreendermos o verdadeiro sentido da palavra. A primeira impressão é a existência de três pessoas da divindade que se relacionam, entre si, no projeto divino de salvação da humanidade. Porém, o cristianismo é herdeiro da teologia judaica, essencialmente monoteísta, aceitando a revelação de Deus na história de Israel.

Ao longo da história da Igreja, para ajuizar o sentido das questões sobre a Trindade, entre os séculos IV e VI, foram convocados concílios que definiram o relacionamento entre as pessoas trinitárias.

Primeiramente, o **Concílio de Nicéia**, em 325, - controvérsia entre Ario e Atanásio, sobre a igualdade da natureza do Filho com o Pai, ou prevalece a posição de Atanásio a respeito da igualdade do Filho com o Pai.

O **Concílio de Constantinopla**, em 381, onde as idéias de Macedônio - o Espírito Santo é subordinado ao Pai e o Filho - são condenadas. Segundo este Concílio, o Espírito Santo é colocado na mesma categoria do Pai e do Filho.

O **Concílio de Éfeso**, em 431, condena as idéias de Nestório que recusava o termo **theotokos** (mãe de Deus) aplicado à virgem Maria, porque isto parecia exaltá-la indevidamente.

O **Concílio de Calcedônia** condena o monofisismo que interpretava como existindo duas naturezas na pessoa de Cristo, a saber, uma divina, outra humana.

Por fim o // **Concílio de Constantinopla**, em 553, condena de-

finitivamente as interpretações gnósticas sobre a Trindade como here-sias. A formulação do credo niceno, em 325, era a seguinte:

*"Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu, se encarnou e se fez homem e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir para julgar os vivos e os mortos: e no Espírito Santo."*¹

¹ BETTENSSON, H. Documentos da Igreja Cristã. São Paulo: ASTE, 1967, 370. O credo está na página 55.

Após as controvérsias acima relacionadas, o credo Niceno-Constantinopolitano II, em 553, define a doutrina da Trindade, confirmando as decisões conciliares anteriores.

"Cremos em um Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos. Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, o qual, por nós homens e por nossa salvação desceu dos céus, foi feito carne do Espírito Santo e da virgem Maria, e tornou-se homem, e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos, e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu Reino não terá fim; e no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho conjuntamente e adorado e glorificado, que falou através dos profetas; e na Igreja uma santa, cató-

*lica e apostólica; confessamos um só batismo para a remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro."*²

Mesmo com as definições conciliares a respeito da Trindade, com o correr do tempo, a Igreja do Ocidente perde a característica do Deus Trino, a ponto de Bruno Forte, no início do seu livro, levantar a pergunta: "Será um Deus cristão, o Deus cristão?"³

Partindo dessa pergunta, procura-se resgatar na história o verdadeiro Deus cristão. Dentro do axioma proposto por Kal Rahner "A Trindade econômica é a Trindade imanente."⁴ Forte desenvolve o seu trabalho dentro da busca histórica da Trindade.

Outro trabalho interessante, e que parte do mesmo axioma de Rahner, é o da Maria Clara Lucchetti Bingemer, publicado pela **Revista Eclesiástica Brasileira** (Março de 1986), dentro da perspectiva feminina da Trindade. Aqui, os livros da História da Igreja Cristã serão a fonte de pesquisa para uma melhor compreensão a respeito da Trindade para os

² Idem. página 56.

³ FORTE, B. A Trindade como História, pag. 66.

⁴ RAHNER, K. Apud Forte. II Dio Trino como Fondamento Originário e transcendente de la Storia della Salvezza. O axioma, acima referido por Rahner, não desconhece a transcendência de Deus. Porém, parte da imanência que podemos conhecer, a revelação de Deus na história da Salvação. O que transcende à história, se torna especulação.

nossos dias.

O Deus Cristão

Início esta pesquisa repetindo a pergunta de Bruno Forte: "Será o Deus cristão o Deus dos cristãos?"

Tentando responder essa pergunta, Forte procura na história da Igreja o significado da Trindade, para resgatar o exílio do Deus cristão no Ocidente. A maioria dos cristãos professam no seu credo o Deus Trino, porém, na prática de sua vida religiosa são monoteístas. Isso distancia o pensamento teológico da práxis do cristianismo no Ocidente. Resquício da influência de duas civilizações; o judaísmo e o greco-romanismo.

[Edição original página 48/49]

As grandes sistematizações teológicas do Ocidente, Agostinho e Tomás de Aquino, tentam explicar a Trindade, partindo da concepção de essência una do Deus Trino. Esse esforço de conciliar as pessoas da Trindade sem um referencial histórico concreto da revelação divina na história humana, reduz a Trindade a uma espécie de teorema celeste que a condiciona como doutrina monoteísta prévia, sem consequências efetivas sobre o plano da concepção de Deus e da salvação dos homens.

Rahner formula um axioma de grande profundidade: "A Trindade econômica é a Trindade imanente."⁵ Isto

nos indica que a possibilidade de buscar o Deus Trino é olhar a sua revelação na história da salvação da humanidade. Partindo desse pressuposto, Forte é levado para dentro da história. O mesmo faz Bingemer na busca da face feminina de Deus.

Um e o mesmo Deus se revela, o Pai pelo Filho no Espírito Santo. Isso acontece quando compreendemos ser a Trindade revelada na história da salvação parte da Trindade imanente. A correspondência entre a economia e a imanência é visível na pessoa de Jesus Cristo, afirmada pela teologia paulina nas suas cartas (II Cor 1.19 ss; Cl 1.15). O relacionamento do Pai, Filho e Espírito Santo na história da salvação nos dá possibilidade de conhecermos o verdadeiro Deus Trino.

O maior problema eclesial (um desafio para a teologia) é trazer de volta a Trindade para a fé vital, dentro da espiritualidade dos crentes e dos teólogos. A partir dessa fé na Trindade toda a existência cristã deve ser vivida e repensada.

Dentro das constatações feitas, podemos identificar a revelação trinitária de Deus somente na história da salvação, relatada na Escritura, conforme determina o Credo Niceno-Constantinopolitano. Partindo dessa afirmação, constatamos que Deus se revela a partir do evento da libertação dos escravos do Egito. A saída dos escravos (Êxodo) em direção à Terra Prometida provoca significativas mudanças, bus-

⁵ FORTE, B. A Trindade como História, op. cit. pag. 15 Economia é como denominavam os

Pais da Igreja no séc. IV-VI a dispensação do ato que nos salva.

cando, com a ajuda do povo da terra, estabelecerem uma sociedade igualitária. Com o passar do tempo se estabelece a monarquia. O ideal de uma sociedade igualitária corre o perigo de perder o valor original, ocasionado pela nova situação econômico-sócio-político e religiosa existente. Surgem os profetas. Posteriormente, vem o exílio babilônico permanecendo um resto de povo na terra prometida. O Novo Testamento nos traz, no relato pascal, uma Nova Aliança que é estendida a toda a humanidade. A libertação preparada por Deus é revelada no Filho, e consolidada na vinda do Espírito Santo no Pentecostes, o que possibilita a compreensão da Trindade plena do cristianismo. Dentro dessa visão buscarei entender as pesquisas de Forte, na perspectiva da história, e a visão de Bingemer, na perspectiva feminina da história da salvação.⁶

[Edição original página 49/50]

O Pai

A revelação do Pai começa com o evento Pascal no Egito. O libertador se identifica como o "Eu Sou o que ouve o clamor do meu povo e vim tirá-lo da escravidão" (Ex 7.15). Na Páscoa cristã, o Pai por amor ao mundo entrega Seu Filho (Jo 3.16). Ninguém conhece o Pai a não ser pelo Filho (Mt 11.27). Quem vê a mim, vê o Pai (Jo 8.9). O Pai é aquele que ama o Filho e ama a humanidade a ponto de entregar à morte o Filho ama-

do para salvar a todos do exílio do Reino de Deus. Forte coloca que no evento pascal cristão é a revelação de Deus se faz mais nítida. Deus Pai é amor. Na história da salvação cabe sempre ao Pai a iniciativa do amor; o amor do Pai é o amor manancial; o amor do Pai é a origem da Trindade. A tradição da fé veicula a absoluta liberdade e gratuidade do amor do Pai. "Deus ama desde sempre e para sempre."⁷ O amor de Deus é eterno, sem princípio e fim, e esse amor o faz intervir na história da humanidade, não para ditar normas morais ou infligir castigos, porém como aquele que ama e corrige o caminhar dos pecadores por amor.

Bingemer, na perspectiva feminina de Deus, procura o lado feminino da Trindade a partir dos profetas do Antigo Testamento, onde existem referências ao cuidado de Deus para com o povo que permitem falar de Deus como Pai e Mãe. Uma das palavras mais usadas é **rahamim** (útero materno), o lugar onde a própria vida é recebida em semente, acolhida, protegida e alimentada para que possa desenvolver-se e sair a luz. O **rahamim** é o Amor de Deus em direta comparação com o amor de mãe que se comove e experimenta compaixão pelo filho de suas entranhas, dando origem a uma gama de sentimentos maternos, a bondade, a ternura, a paciência e a compreensão que é prontidão para perdoar.

Dentro das colocações levantadas sobre a revelação do Pai na história da

⁶ BINGEMER, M. C. L. A Trindade a partir da Perspectiva da Mulher. Op. cit. pág. 83

⁷ FORTE, B. A Trindade como História, op. cit. pág. 93

humanidade notamos algumas conotações que podem ser questionadas. Ao que parece, Forte dá ênfase a uma perspectiva masculina de Deus. Aquele que não muda o seu plano de resgate da humanidade, apesar do clamor do Filho, o leva até o fim. O que parece um certo autoritarismo, o Soberano Senhor é identificado com os valores masculinos de uma sociedade patriarcal.

Na perspectiva feminina, o Deus identificado com o útero materno, o amor desinteressado, a ternura, a compaixão e a compreensão maternal.⁸

Essas colocações nos levam a formular uma pergunta.

Não ficam essas constatações a respeito do Pai, projeções antropomórficas de ambos os lados?

Essa indagação é importante, pois temos hoje o instrumental da psicologia junguiana, onde o *ânimus* e a *anima* (que significam o lado masculino e o feminino do ser humano) convivem no psique do homem e da mulher. Essas comparações usadas nas Escrituras pelos profetas, comparando o Amor de Deus para com o povo, podem ser projeções de seu lado feminino ou comparações do profeta ao ver como as mães tratavam seus filhos.

Quando buscamos entender alguma coisa, partimos do horizonte cultural e, podemos dizer, sexual a que pertencemos. A interpretação

[Edição original página 50/51]

que fazemos do objeto de nossa pesquisa será sempre mediada pelos conhecimentos que previamente adquirimos e internalizamos. É muito difícil sermos totalmente objetivos numa pesquisa.

O Filho

A história do Filho é o momento central para toda a teologia cristã, e esta história tem sua interpretação a partir da ressurreição do Filho, um elo muito forte com a ressurreição da natureza comemorada na primavera pelos povos nômades-pastoris. Todo o Novo Testamento foi escrito a partir da ressurreição de Jesus Cristo. O império da morte foi vencido, e ele será destruído totalmente na segunda vinda do Cristo. O Amor do Filho é que fez ser obediente ao Pai, até o fim (Gl 2.20). Foi Ele que ressuscitou e se mostrou vivo aos discípulos (Mc 16.; Mt 27.). Foi Ele que soprou sobre toda a carne o Espírito Santo, recebido do Pai (Jo 20). Ele não existe para si, mas para o Pai e para os homens e mulheres. O Pai o enviou ao mundo para abrir o caminho ao Reino de Deus entre os seres humanos. Deu a sua vida para cumprir o projeto divino de salvar a humanidade.

Jesus viveu para o Pai, morreu em obediência a Ele na cruz por amor aos exilados do Reino de Deus, pecadores e errantes do Pai. Ressurgiu acolhendo o dom do Pai, o Amor, e o difundiu sobre toda a terra. É confessado como Senhor, Filho de Deus, Verbo encarnado, o Salvador e o Bom Pastor que conduz as ovelhas errantes ao seu redil.

⁸ BINGEMER. A Trindade a Partir da Perspectiva da Mulher, op. cit. pág. 83.

Jesus Cristo pertence contemporaneamente ao mundo de Deus e ao mundo dos homens, os dois horizontes se fundem na pessoa de Jesus.o Cristo. O Amor do Pai gera o Filho no amor à humanidade. Essa história de salvação revela a imanência da Trindade.

Bingemer acrescenta alguns traços femininos na pessoa de Jesus Cristo.⁹ O Jesus histórico, relatado nos Evangelhos, é mostrado como iniciador de um movimento itinerante e carismático.

Esse movimento admitia homens e mulheres numa comunhão fraterna, colocando-os em igualdade, sendo que na época a mulher era considerada inferior ao homem. O movimento de Jesus é diferente do movimento de João Batista que dava ênfase ao arrependimento e a busca de uma vida ascética. Também diferente do movimento de Qumran,¹⁰ onde somente homens são admitidos. O movimento de Jesus é caracterizado pela pregação de igualdade dos seres humanos no Reino de Deus, e não exclui pessoas de quaisquer condições sociais, homens, mulheres, crianças. Todos são convidados a participarem da vida abundante oferecida por Jesus, e o convite é estendido a justos e pecadores. No Reino de Deus, todos os desvios da hu-

manidade, tanto no relacionamento pessoal como no social, são perdoados. Todos são convidados a nascer de novo, que significa a busca de uma nova humanidade.

O nascer de novo se caracterizava com a ruptura de uma série de tabus da sociedade judaica da época. Uma das mais evidentes é a questão da mulher, considerada social e religiosamente inferior, por não ser circuncidada. Por isso, ela não fazia parte da Aliança com Deus, e

[Edição original página 51/52]

pela sua condição biológica de mulher, a sua penetração no santuário era vedada, mesmo para participar dos atos religiosos. Ela era obrigada a rigorosos preceitos de purificação. Carregavam toda uma carga pejorativa como filhas de Eva. É neste contexto que a prática de Jesus se mostra inovadora. O seu relacionamento com as mulheres chega a surpreender os discípulos (Jo 4.27). É dado comum nos quatro Evangelhos que as mulheres faziam parte ativamente do grupo que seguia Jesus. Posteriormente, o batismo cristão integra a mulher na missão da Igreja.

Ao concentrarmos o olhar na pessoa de Jesus, buscamos, através da psicologia junguiana, compreender a **anima** do Mestre. Jesus embora fosse homem e predominava o modo masculino de ser, integrou o lado de sua dimensão feminina. Os Evangelhos nos mostram Jesus como um homem que não apresenta o tão decantado pudor masculino da época. O Mestre é capaz de falar duramente com os fariseus e os discípulos,

⁹ BINGEMER. A Trindade a partir da Perspectiva da Mulher, op. cit. pág. 88.

¹⁰ Qumran, comunidade religiosa localizada à margem noroeste do Mar Morto, pertencente a seita judaica dos essênios. O mosteiro de Qumran foi ocupado pela comunidade na metade do século II até o ano 31 antes de Cristo, e, depois do começo de nossa era, até sua violenta destruição no ano de 68, pelos romanos.

mas se compadece dos pequeninos, dos doentes, dos pecadores e da mulher adúltera condenada pela hipocrisia dos seus acusadores. Ele também chora a morte de seu amigo Lázaro e sente as dores pela rejeição por parte de Jerusalém.

Todo o feminino em Jesus, feito ternura, compaixão e misericórdia infinita, foi demonstrado na cruz onde o seu momento de maior amor foi dar a vida pelos amigos e inimigos. Podemos afirmar que na segunda pessoa da Trindade, Jesus em sua vida entre a humanidade, suas palavras, sua práxis e sua pessoa demonstra a divinização tanto do masculino, quanto o feminino. Este ato pertence ao núcleo mais profundo do Mistério do Amor divino encarnado.

Concluindo a questão sobre o Filho, essas contribuições das fontes de pesquisa possibilitam um melhor entendimento da Pessoa de Jesus na história da humanidade. A fusão de horizontes masculino e feminino enriquecem a visão sobre a Trindade.

O Espírito Santo

O Espírito Santo penetra na história da Trindade no início da criação (Gn 1.1 ss). Percorre o Antigo Testamento inspirando os patriarcas e profetas. Aparece no Novo Testamento no Batismo de Jesus, porém, a partir do Pentecoste, o Espírito Santo substitui o Jesus histórico na vida da comunidade cristã e abre o relacionamento entre as pessoas para a liberdade do Amor. A dolorida separação da cruz é substituída pela comunhão no

Amor do Pai e do Filho no Espírito Santo. É o Dom do Amor.

Esse dom do amor aue é vínculo da unidade entre o Pai e o Filho -amor que emana do Amante e é acolhido pelo Amado - torna-se a terceira pessoa da Trindade.

O Espírito Santo é Deus com o Pai e com o Filho, Um com Eles no plano do ser divino da eterna história de Amor. O Espírito Santo é o Amor que jorra do Pai e derrama sobre o Filho que recebendo-o, torna-se um com o Pai e por isso, também, dele procede o Amor.

O maior Dom do Espírito Santo é o Amor (I Cor 13.1 ss). A abertura de Deus para a humanidade, revelada no Filho e confirmada no Espírito

[Edição original página 52/53]

Santo se dá no Amor. O Espírito Santo se coloca na comunidade de fé como o Paráclito, aquele que a defende e a consola, na ausência física de Jesus. O Amor de Deus revelado por Jesus e concretizado na ação do Espírito Santo (Jo 15.9).

Na perspectiva feminina,¹¹ o Espírito Santo possui acentos maternos bem claros. Ele não nos deixa órfão (Jo 14.18), nos consola, nos exorta e conforta como uma mãe carinhosa (Jo 14.26). Ensina-nos a balbuciar o nome do Pai aba (Rm 8.15), e o nome do Senhor Jesus Cristo (I Cor 12.3), e nos ensina a orar como convém (Rm 8.26). Porém, devemos tomar o cuidado de não

¹¹ BINGEMER. A Trindade a Partir da Perspectiva Feminina, op. cit. pág. 98.

fazermos um dualismo no Espírito como o existente entre os sexos masculino e feminino, mas encontrar, inspirado no amor divino, a verdadeira integração entre o homem e a mulher. A falsa imagem de um Deus monoteísta e masculino do Ocidente a respeito da Trindade é que separou homens e mulheres do projeto inicial a respeito do Reino de Deus. Hoje, procuramos ver a Trindade como a revelação plena de Deus na comunidade de homens e mulheres unidos pelo amor fraternal, acolhendo os desvalidos, os espoliados deste mundo, o órfão, a viúva, o pobre e o estrangeiro. É na comunidade cristã que eles encontrarão o último e derradeiro lugar de aconchego, ternura e proteção.

Concluindo

Analizando o tema da Trindade a partir de horizontes masculinos e femininos, aparando algumas arestas, surge a necessidade de repensarmos constantemente conceitos com os instrumentos de que dispomos no final do século XX.

A teologia, hoje, faz uma aproximação da Trindade dentro da compreensão que o maior Dom divino é o Amor.

O pano de fundo para os trabalhos de Bruno Forte e Maria Clara L. Binge-mer e a síntese desse ensaio é o axioma de Kal Rahner: "A Trindade econômica é a Trindade imanente". 12 Procurei não somente deter-me nas teorias sobre o axioma, mas procurar compreender a nova visão da teologia contemporânea sobre a Trindade. Creio que as diferenças encontradas nas fontes, partem de

horizontes diferenciados, mas se aproximam a medida que os horizontes se fundem na luta pelo Reino de Deus.

A busca maior é a de encontrar o Amor trinitário na comunidade cristã. A partir desse encontro é que poderemos estendê-lo aos oprimidos pela nossa sociedade individualista e discriminadora (Jo 3.16-18).

Algumas diferenças encontradas dentro das perspectivas propostas, que não ficaram muito claras, são mais compreensíveis a partir da psicologia junguiana. Quem melhor se aproxima da dimensão masculina e feminina da Trindade é Leonardo Boff, 13 profundo conhecedor da psicologia junguiana.

Hoje, é muito difícil caracterizar atributos masculinos ou femininos a um dos sexos somente. Ao tentarmos definir características de cada sexo, poderemos, facilmente, cairmos em ideologia machistas ou feministas.

[Edição original página 53/54]

Outra dificuldade encontrada para uma teoria mais profunda sobre a Trindade é: como pode o finito tentar explicar o que é infinito? Seria como um grão de areia querer explicar todo o oceano a partir do que é revelado a sua volta. Mesmo com o avanço do olho humano por meios eletrônicos, mais distante se torna o Universo das galáxias nunca antes imaginado. Sempre correremos o risco de reduzir, apesar de todo o esforço feito, o Criador de todas as coisas ao modo de nossa pequena visão antropomórfica.

Ao falarmos de Trindade, temos que aceitar a revelação da mesma feita

na história humana como ponto de partida para a nossa compreensão. Reconhecemos que o revelado do Deus Trino não foi plenamente alcançado pela humanidade, o Reino de Deus. Essa proposta de Amor, que Deus estende a todos, só será pleno quando encarnado na comunidade cristã. Esse fato proporcionará a verdadeira revelação do Deus cristão ao mundo inteiro.

Urge abrimo-nos ao Amor de Deus que é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo. Quando esse Amor encher os nossos corações e transbordar em nossas comunidades, de fé, as diferenças serão quebradas criando novos relacionamentos humanos. Aí começaremos a entender mais claramente o mistério da Trindade.

BINGEMER, M. C. L. *A Trindade a partir da perspectiva da mulher*. Rio de Janeiro, REB vol. 46 fase. 181, Março de 1986.

BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1988.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo, Ed. ASTE 1967, 370 p.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos*. São Paulo, Edições Vida Nova, 2ª edição 1988. 328 p.

Forte, B. *A Trindade como história*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987. 212 p.

GONZALES, J. L. *Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo, Editora Vida Nova, 1980. Vol. 1-5

HAGGLUND, B. *História da teologia*. Porto Alegre, Ed. Concórdia, RS 1981.

HAMMAN, A. *Santo Agostinho e seu Tempo*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989

Bibliografia